

CENÁRIO DERRUBA ÍNDICE DE CONFIANÇA DO CONSUMIDOR

O RESULTADO DE MARÇO FOI O MAIS BAIXO DOS ÚLTIMOS 12 MESES, ATINGINDO 125,8 PONTOS EM UMA ESCALA DE ZERO (PESSIMISMO TOTAL) A 200 PONTOS (OTIMISMO TOTAL)

O consumidor paulistano está menos otimista em 2014. É o que demonstra o Índice de Confiança do Consumidor (ICC), apurado mensalmente pela FecomercioSP. O índice tem por objetivo identificar o sentimento dos consumidores levando em conta suas condições econômicas atuais e suas expectativas quanto à situação econômica futura. O resultado de março apontou que a confiança do consumidor paulista registrou 125,8 pontos, em uma escala de zero (pessimismo total) a 200 pontos (otimismo total).

Esse é o resultado mais baixo dos últimos 12 meses, demonstrando que a segurança do consumidor veio se deteriorando ao longo do ano passado. O resultado de março é também o mais baixo desde janeiro de 2009, quando atingiu 125,2 pontos.

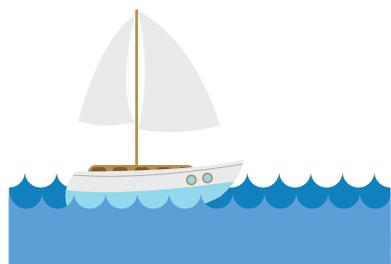
No mesmo período do ano passado, o indicador apontava a confiança do consumidor em 160 pontos e, de lá para cá, houve uma redução significativa de 34,2 pontos.

A redução da confiança do consumidor paulista está relacionada à deterioração dos indicadores macroeconômicos. Com a inflação ainda em alta, os consumidores, principalmente os de menor renda, sentem o aumento dos preços dos alimentos. Além disso, os juros estão em alta desde o ano passado e com perspectiva de se manterem assim. Para complementar o cenário negativo, a renda deverá crescer menos neste ano em função do reajuste do salário mínimo menor do que em outros anos. Tudo isso se traduz em menor otimismo do consumidor em relação às condições econômicas do País. [6]



pág. 02 CENÁRIO

Perspectiva é de desaceleração econômica



pág. 03 GESTÃO

“Atacarejo” conquista consumidores e microempresários



pág. 04 INVESTIMENTOS

Perspectivas eleitorais influenciam mercados



PERSPECTIVAS DO BC APONTAM PARA DESACELERAÇÃO EM 2014

O CRESCIMENTO DA OFERTA DE EMPREGOS E DE RENDA, ALIADO AO AUMENTO MODERADO DO CRÉDITO, AINDA PODE SUSTENTAR O ATUAL PADRÃO DE CONSUMO



Divulgado em março, o Relatório Trimestral de Inflação do Banco Central apresenta perspectivas para vários indicadores econômicos, entre os quais PIB, investimentos e inflação:

Produto interno bruto – PIB

Segundo o relatório do BC, a perspectiva para o PIB de 2014 é de expansão de 2% diante dos 2,3% registrados no acumulado do ano passado. Setorialmente, o BC estima uma expansão de 3,5% para a agropecuária em relação aos 7% observados em 2013. Para a indústria, a projeção é de 1,5%, superior ao 1,3% do ano passado. Já para o setor de serviços é projetada expansão de 2,2%, em comparação com os 2% em 2013. No setor de serviços, destaca-se o comércio, que poderá registrar crescimento de 1,7%, abaixo do resultado de 2013, que foi de 2,5%. No âmbito da demanda agregada, projeta-se aumento de 2% para o consumo das famílias e de 2,1% para o consumo do governo. As exportações devem crescer 1,3% e as importações, 0,9%.

Investimento – FBCF

A Formação Bruta de Capital Fixo (FBCF) deve crescer apenas 1% neste ano, pelos cál-

culos do BC. O indicador reflete os investimentos realizados, pois mede quanto as empresas aumentaram os seus bens de capital. No ano passado, a FBCF cresceu 0,3% no último trimestre comparado com o trimestre anterior; e no acumulado do ano, o resultado foi de 6,3%. Para 2014, o BC destaca que a desaceleração será resultado do carregamento estatístico do último trimestre de 2013 – que ocorre quando o resultado do ano anterior influencia no resultado futuro, podendo ser positivo ou negativo.

Inflação

Para a inflação no Brasil, medida pelo Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), as previsões pioraram mesmo com a elevação da taxa Selic em janeiro e em fevereiro. As projeções do BC consideram dois cenários: de referência e de mercado. No cenário de referência, que pressupõe manutenção do juro básico e considera a taxa de câmbio em R\$ 2,35, a perspectiva é de que o IPCA fique em 6,1% em 2014. Já no cenário de mercado, o IPCA chegaria a 6,2%, com juro básico de 11% ao ano e o dólar a R\$ 2,48. Para 2015, o relatório também aponta panorama pior de inflação, com

alta do IPCA em 5,5% nos cenários de referência e de mercado. O BC também estima o risco de a inflação ultrapassar o teto máximo da meta, que é de 6,5%. A probabilidade de subir além disso foi calculada em 38% para cenário de referência e em 40% para o cenário de mercado.

Na conjuntura geral, este ano preocupa. A inflação prevista em 6,1% impressiona e a possibilidade de 38% de estouro da meta é bastante considerável. A isso, soma-se a projeção de desenvolvimento pífio de 2% e a queda de 2,5% para 1,7% no desempenho do comércio. Com isso, não há sinal de queda da Selic e o dólar deve ficar no patamar de R\$ 2,30.

O consolo é que o crescimento da oferta de empregos e da renda, aliado ao aumento moderado do crédito, ainda pode sustentar o atual padrão de consumo, mas o indicador deve ser impactado – considerando-se a previsão de queda do PIB do comércio.

Para 2014, o Banco Central prevê que a atividade econômica tende a ser favorecida pela continuidade da expansão do consumo das famílias, amparada no crescimento da renda e no aumento moderado do crédito. Além disso, a instituição destaca que as concessões de serviços públicos e a exploração de petróleo criam boas perspectivas para investimentos. [8]

PROJEÇÕES BANCO CENTRAL 2014

SETOR DE ATIVIDADE	%
Agropecuária	3,5
Indústria	1,5
Serviços	2,2
Comércio	1,7
PIB A PREÇOS DE MERCADO	2,2
Despesa de consumo das famílias	2,0
Despesa de consumo da administração pública	2,1
Formação bruta de capital fixo	1,0
Exportação de bens e serviços	1,0
Importação de bens e serviços (-)	0,9

“ATACAREJO” É EXEMPLO DE CRIATIVIDADE DO MERCADO

MODELO BASEADO NO VAREJO A PREÇOS DE ATACADO GANHA A PREFERÊNCIA DE CONSUMIDORES E DE MICROEMPRESÁRIOS

O Brasil tem grande vocação para a economia de mercado e algumas experiências são exemplares em reunir aspectos como espírito empreendedor e busca por eficiência e produtividade. É o caso do “atacarejo”, modelo de comércio baseado na venda de produtos no varejo a preços de atacado. É interessante perceber que a proposta não se restringe ao preço, reunindo outros fatores em sua concepção.

Nascido na periferia de grandes cidades (Rio e São Paulo), o modelo é baseado em

grandes lojas com alguma sofisticação e amplas áreas para vendas e para estoques. As características incluem ainda grande variedade de produtos e boa qualidade de serviços.

Os custos menores de logística e estocagem permitem a transferência dos ganhos para os clientes, ampliando a atratividade do negócio. O público-alvo reúne consumidores de baixa e de alta rendas e vai além, alcançando também os comerciantes de pequeno e de médio portes, para os quais a rapidez no abastecimento e os preços mais competitivos

justificam a compra no “atacarejo”. Além disso, esses empresários se livram da formação de grandes estoques e da consequente necessidade de capital de giro, fatores decisivos para a redução dos custos operacionais.

Por essas características, o “atacarejo” vem se disseminando e tende a crescer ainda mais, ganhando a preferência de empresários e consumidores. Afinal, trata-se de iniciativa que contribui para que o setor produtivo, notadamente empresas de menor porte, ganhe eficiência e competitividade. [&]



CERTIFICADO DE ORIGEM FECOMERCIO-SP. MAIS PRATICIDADE E RAPIDEZ NA HORA DE EXPORTAR.

Siga o melhor rumo para seus negócios no exterior. Obtenha seu Certificado de Origem na FecomercioSP de maneira prática, rápida e segura, com as melhores condições do mercado.

Mais informações, ligue (11) 3254-1652/1653 ou envie e-mail para certificado@fecomercio.com.br

Rua Dr. Plínio Barreto, 285 – térreo
9h às 12h30 / 14h às 17h30

PERSPECTIVAS ELEITORAIS INFLUENCIAM INVESTIMENTOS

O MERCADO TEM DADO SINAIS DE QUE ESTÁ DESCONTENTE COM A ATUAL POLÍTICA ECONÔMICA E ESPERA MUDANÇAS

Quando o mercado ao ver uma pesquisa com queda nas intenções de voto para a atual presidente da República responde com movimentos de forte alta do Ibovespa e com queda do dólar, o recado está dado: os mercados estão em desacordo com as atuais políticas econômicas. Significa que esperam mudanças e a perspectiva de que elas aconteçam é maior com outro governo, segundo a visão dos agentes econômicos. Sem juízo de valores sobre quem está certo ou errado, o fato é que as perspectivas eleitorais voltaram a influenciar as opções de investimentos no Brasil.

Quem investiu R\$ 1 mil em CDI em junho de 1994 teria hoje pouco mais de R\$ 72 mil. Se o investimento fosse na Bolsa, seriam R\$ 13 mil e, em dólares, sobriaria R\$ 1.269. Aplicada só a inflação, os mesmos R\$ 1 mil de junho de 1994 equivaleriam hoje a R\$ 9.568, conforme mostra a tabela abaixo:

Mil reais aplicados em junho de 1994 renderiam quase dez anos depois:

IBOVESPA	CDI	CÂMBIO	IPCA
R\$ 12.915	R\$ 72.296	R\$ 1.269	R\$ 9.568

Com a elevação recente da Selic, novamente as apostas se voltam para a renda fixa, mas a variável eleitoral pode deixar essa decisão mais complexa. Recentemente, com as notícias eleitorais, o Ibovespa mostrou forte recuperação, saltando dos 45 mil para mais de 50 mil pontos em um mês ou menos. Mas, a pergunta é: será que isso vale no longo prazo? A resposta é **não**. No longo prazo, a alta dos juros tende a fazer com que a economia se retraia e a inflação desacelere, o que reduz os ganhos das empresas e se traduz em poucas perspectivas para o mercado de ações.



A alta dos juros também significa mais rendimentos líquidos para a renda fixa, com consequente atração para esse tipo de aplicação. No curto prazo, ações continuam a ser uma aposta para quem conhece o mercado e tem condições de entrar e sair rapidamente dele. No longo prazo, os papéis tendem a render pouco se a Selic continuar a subir. Ou seja, investir em ações segue custoso e restrito para poucos no Brasil. Mas, se uma mudança de perspectivas da política atual tornar-se mais provável (com esse ou outro governo), algumas empresas estariam cotadas abaixo do real valor. Ou seja, a Petrobras, por exemplo, considerando apenas as regras de mercado, vale mais do que seu

preço atual. Basta que os preços dos combustíveis sejam liberados. O mesmo vale para as elétricas e para outros segmentos que sofrem com a intervenção direta ou indireta do poder público. Então, vale a pena esperar mais um pouco para se certificar se existe uma mudança de rumo em curso para, então, realocar parte da renda fixa para ações.

Análise da evolução de CDI, Ibovespa, câmbio e IPCA mostra que apenas no início de 2008, o Ibovespa superou as aplicações em CDI. Isso não garante que daqui para frente será assim, porém, com esse dado histórico em mãos, fica mais fácil tentar entender quando e por que o mercado de ações ficou mais forte ou mais fraco. [8]